



*E-book digitalizado por: Levita Digital  
Com exclusividade para:*



<http://ebooksgospel.blogspot.com/>

*O pior cárcere não é o que aprisiona o corpo,  
mas o que asfixia a mente e algema a emoção.  
Sem liberdade, as mulheres sufocam seu prazer.  
Sem sabedoria, os homens se tornam máquinas de trabalhar.  
Este livro discorre sobre a busca da sabedoria e da liberdade.  
Ser livre é não ser escravo das culpas do passado  
nem das preocupações do amanhã.  
Ser livre é ter tempo para as coisas que se ama.  
É abraçar, se entregar, sonhar, recomeçar tudo de novo.  
É desenvolver a arte de pensar e proteger a emoção.  
Mas, acima de tudo, ser livre é ter  
um caso de amor com a própria existência  
e desvendar seus mistérios.*

AUGUSTO CURY

# Os segredos do Pai-Nosso



SEXTANTE

Copyright © 2006 por Augusto Jorge Cury  
Todos os direitos reservados.

*preparo de originais*  
Regina da Veiga Pereira

*revisão*  
José Tedin Pinto  
Sérgio Bellinello Soares  
Tereza da Rocha

*projeto gráfico e diagramação*  
DTPhoenix Editorial

*Capa*  
Raul Fernandes

*Fotolitos*  
R R Donnelley

*impressão e acabamento*  
Bartira Gráfica e Editora S/A

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C987s Cury, Augusto Jorge, 1958-  
*Os segredos do Pai-Nosso* / Augusto Jorge Cury. - Rio de Janeiro:  
Sextante, 2006.

ISBN 85-7542-256-1

1. Pai-Nosso - Comentários. 2. Pai-Nosso - Meditações. 3. Oração -  
Cristianismo. I. Título.

CDD 242.722 06-3556  
CDU 264-63

GMT Editores Ltda.  
Rua Voluntários da Pátria, 45 - Gt. 1.404 - Botafogo  
22270-000 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel.: (21) 2286-9944 - Fax: (21) 2286-9244  
E-mail: [atendimento@esextante.com.br](mailto:atendimento@esextante.com.br)  
[www.sextante.com.br](http://www.sextante.com.br)

# Sumário

*Introdução*

*Capítulo 1*

O homem que proferiu a oração do *Pai-Nosso*

*Capítulo 2*

A solidão de Deus

*Capítulo 3*

A solidão gerada pela virtualidade da consciência existencial

*Capítulo 4*

A solidão intrapsíquica e a solidão social

*Capítulo 5*

Deus não é autista

*Capítulo 6*

*Pai-Nosso*: um golpe mortal contra a discriminação

*Capítulo 7*

Um Pai que está nos céus: contra a superproteção

*Capítulo 8*

Santificado seja o Teu nome

*Capítulo 9*

Venha a nós o Teu reino

*Capítulo 10*

Seja feita a Tua vontade

*Capítulo 11*

A vida humana transcorre no parêntese do tempo

*Capítulo 12*

A paixão de Cristo pelo prisma da psicologia

*Capítulo 13*

Procurando o Deus desconhecido

Nota do segundo livro

Bibliografia

Sobre o autor

# Introdução

Somos uma partícula que surge na arena da existência e logo desaparece. Apesar da pequenez do ser humano, nosso pensamento caminha na esfera da imaginação mais rápido do que a luz, e é mais fértil do que o solo mais rico. Perambulamos apreensivos durante algumas dezenas de anos em nossa breve trajetória existencial usando o aparelho psíquico para tentar desvendar o desconhecido, em especial a vida. Perguntar é nosso destino.

Sabemos muitas coisas sobre o mundo que nos cerca, escrevemos milhões de livros sobre o universo físico e biológico, mas sabemos pouquíssimo sobre nós mesmos, sobre a nossa psique. O que é pensar? Quais os limites e alcances dos pensamentos? Quem somos? O que somos? O que é existir? O que é a morte? Quais as conseqüências do caos do córtex cerebral enfrentado num túmulo? Quem é o Autor da existência? Deus é real, ou uma construção articulada pelo mundo das idéias? Se Deus existe, por que se esconde atrás da cortina do tempo e do espaço? Por que não mostra sua face, aliviando a inquietação dos ateus e corrigindo as rotas dos religiosos?

Embora milhões de pessoas não percebam, a oração do *Pai-Nosso* toca frontalmente em todas essas questões. Apesar de ser o texto mais recitado e conhecido da história, talvez seja o menos compreendido. Um texto aparentemente simples, mas bombástico para quem esquadrinha o que está em suas entrelinhas.

A obra *Os segredos do Pai-Nosso* se divide em duas partes, dois livros. Na primeira, que analisa o trecho da oração que se inicia com "Pai-Nosso" e termina com "Seja feita a Tua vontade assim na terra como no céu" (*Mateus 6:10*), Jesus fala em código sobre algumas fascinantes características da personalidade de Deus, bem como sobre suas necessidades psíquicas fundamentais.

Mas Deus tem necessidades psíquicas? Sim! Afirmar isso não é uma pretensão psicológica insana? Não creio. Veremos que a análise psicológica dessa intrigante oração revela que Deus tem necessidades psíquicas, embora tal afirmação possa nos chocar e até abalar alguns pilares da religiosidade humana.

Não farei essa análise no campo teológico, pois não é esta a minha área de pesquisa. Minha especialidade é o funcionamento da mente e o desenvolvimento da inteligência. Portanto, estudaremos esse tema no terreno da psicologia, da filosofia, da psiquiatria e da sociologia. Não discorrerei sobre religião.

Na segunda parte, que se inicia com "O pão nosso de cada dia nos dá hoje" (*Mateus 6:11*), essa complexa e enigmática oração aborda as necessidades psíquicas fundamentais dos seres humanos, assim como algumas características relevantes de sua personalidade. Evidencia que para Jesus o ser humano está doente no território da emoção e apresenta grande dificuldade em ser gestor das suas reações instintivas e dos seus pensamentos, bem como em ser líder do teatro da própria mente.

A primeira parte disseca a alma de Deus, e a segunda disseca a alma humana. Neste livro trataremos da primeira parte. Logo de início duas questões gritam muito alto: se mal conhecemos as áreas mais íntimas da nossa personalidade, não seria um delírio tentar discorrer sobre a personalidade daquele a quem chamam Deus? Se existem tantos mistérios à nossa volta, tantos fenômenos a descobrir, por que nos preocupamos em desvendar quem somos?

Em primeiro lugar, o conteúdo da oração do *Pai-Nosso* juntamente com diversas palavras ditas por Jesus em suas biografias - os evangelhos - é que dissecam algumas características da personalidade de Deus que passaram despercebidas aos olhos da teologia. Em segundo lugar, temos uma busca incurável por nossas origens e nosso destino. Jamais o

ser humano aceitará passivamente tombar no silêncio de um túmulo para nunca mais existir.

Eu fui um dos ateus mais críticos que já existiram. Mas, depois de intensa reflexão, me convenci de que não há discurso ateu que aplaque a ansiedade inconsciente do ser humano pela compreensão da vida e pela continuidade da existência. O vácuo da inexistência imposto pela morte nos perturba profundamente. Só não se inquieta quem nunca o analisou.

Tal inquietação, longe de ser negativa, é uma fonte inesgotável que impulsiona o saber e alimenta a produção de teólogos, religiosos, filósofos, pensadores, cientistas. Sempre haverá um prazer da mente humana pelo desconhecido, pela superação das intempéries. Sempre haverá o desejo irrefreável de desvendar o Autor da existência.

Einstein também foi consumido por essa inquietação. Não se contentou em produzir conhecimento sobre a relação espaço-tempo. Queria entender Aquele que inaugurou e fundamentou os elementos da existência. Desejava perscrutar a mente de Deus.

Sócrates instigava os seus jovens discípulos com o pensamento: "Conhece a ti mesmo!" (Durant, Will, 1996). Todavia, não é possível conhecer sem perguntar. Não é possível perguntar sem duvidar. Não é possível duvidar sem experimentar ansiedade. Esse tipo de ansiedade é saudável, pois abre as janelas da inteligência e nos dá prazer nos desafios.

Na era da computação e da internet o conhecimento é oferecido pronto, um fast-food intelectual, inclusive nas universidades. Os jovens não experimentam aventura, ansiedade pelo desconhecido. Não sabem perguntar, duvidar e produzir novas idéias.

A rotina social e o consumismo entorpeceram nossa capacidade de ficar atônitos com a vida. O incomum tornou-se comum. Milhões de pessoas acordam, levantam, seguem uma agenda engessada, atormentam-se com problemas, sem nunca golpear a inteligência com a lâmina das perguntas.

Raramente alguém indaga: O que é a existência? Sou um ser humano ou uma máquina de atividades? Sou um aparelho de consumir ou um mundo a ser descoberto? Ingerimos poucas idéias e muitos produtos. Não percebemos que existir como ser consciente é o mistério dos mistérios. Não entendemos que não sabemos quase nada sobre as questões mais relevantes da existência.

A oração do *Pai-Nosso* resgata-nos do entorpecimento e nos dá um choque de lucidez. Ela oxigena a nossa mente e implode nosso conformismo. É instigadora e provocativa, uma fonte perturbadora de enigmas que nos liberta do cárcere da rotina.

Ao estudá-la neste livro, precisamos reconhecer nossa pequenez e limitações. Devemos sempre nos lembrar que somos andarilhos que vagam no traçado da existência em busca de grandes respostas no pequeno parêntese do tempo.

# Capítulo 1

## *O homem que proferiu a oração do Pai-Nosso*

*Que mundo é este em que vivemos?*

Harold Bloom, pensador e crítico literário americano, aponta a brilhante inquietação de Blaise Pascal diante dos mistérios que cercam a existência (Bloom, 2004):

*Quando considero a brevidade da minha vida, engolida pela eternidade antes e depois, o pequeno espaço que preencho e que sou capaz de enxergar, tragado na imensidão infinita de espaços sobre os quais sou ignorante, e que não me conhecem, fico assustado e atônito por estar aqui... Quem me colocou aqui? Por ordem e instrução de quem este tempo e lugar me foram alocados?*

A brevidade da vida é espantosa, e os fenômenos que a envolvem são assombrosos. Choramos ao nascer, sem compreender o mundo em que entramos. Morremos em silêncio, sem entender o mundo de que saímos.

Quem nos colocou no anfiteatro da existência para saborear a vida e depois de alguns momentos nos fazer despedir dela como névoa que se dissipa ao calor do sol? Foram os fenômenos que surgiram do vácuo existencial? Foi o "nada" que despertou do sono de ser coisa nenhuma e resolveu vestir a roupagem dos elementos reais? Ou foi Deus, o Criador, o Autor da existência, a origem de tudo o que existe, independentemente do nome que se atribui a Ele e da religião que se usa para compreendê-lo?

Ao longo deste livro falarei das idéias dos grandes ateus. A grande maioria deles existiu por causa das loucuras praticadas pelas religiões, como a discriminação, a exclusão, as injustiças, as guerras e os massacres. Eram, na verdade, anti-religiosos, e não ateus. Meu ateísmo foi diferente. Procurando sair do superficialismo, estudei séria e criticamente a possibilidade da inexistência de Deus sob o foco da psicologia. Falarei sobre esse assunto em diversos capítulos. Mas quero expor agora uma das conclusões.

Esforcei-me muitíssimo para eliminar Deus como possibilidade de ser o Autor da existência. Depois de inúmeras viagens intelectuais e momentos reflexivos, tive que engolir em seco e admitir que é impossível não haver Deus.

Antes da existência do mundo, de qualquer ser, de microorganismos, galáxias, planetas, estrelas, átomos ou partículas atômicas, havia o "nada", o vácuo existencial. Em meu discurso ateu pensei: "No princípio era o nada e o nada gerou todas as coisas."

Mas depois de inúmeras reflexões e análises, percebi que isso era impossível. O nada jamais poderá ser despertado do sono da irrealidade, pois vive o pesadelo eterno da inexistência. Nem o vácuo existencial pode ser assombrado pelo pesadelo da realidade e assumir o status dos fenômenos reais, pois é eternamente estéril. O nada e o vácuo existencial não são criativos. Só a existência pode gerar existência.

Tal abordagem leva a uma grande tese filosófica: Deus não é uma hipótese da fé, mas uma verdade científica. Se eliminarmos Deus do processo criativo, eliminamos a própria existência, retornamos ao vácuo completo, imergimos na esterilidade tirânica do nada.

Pode-se usar qualquer teoria para explicar o mundo e a natureza - do big-bang à

teoria da evolução biológica -, mas nenhuma delas pode incluir o "nada" ou o "vácuo existencial" na origem. Em algum momento da cadeia de indagações, Deus - ou o nome que se queira dar a ele - tem de aparecer. Só não aparecerá se a seqüência de perguntas for interrompida, seja pelo ateísmo, pelo preconceito, seja, principalmente, pela dificuldade de expandir a arte da dúvida e o mundo das idéias.

### *A oração do Pai-Nosso, uma parada estratégica*

As sociedades evoluíram em muitos aspectos, em alguns estacionaram e ainda em outros involuíram. Evoluímos muito na medicina curativa e preventiva. Prolongamos a vida. Algumas populações vivem em média 80 anos. Aumentamos o tempo de vida biológico, mas como anda a vida média emocional? No meu entender, a diminuímos. Contraditório? Sim.

No passado vivia-se 40 ou 50 anos, mas sentia-se a existência como se ela se estendesse por 400 ou 500 anos. Os eventos eram suaves e lentos. Havia tempo para sentar na varanda, dialogar com os amigos, fazer coisas singelas e extrair grandes prazeres das pequenas atividades. Havia sorrisos reais nos rostos.

Hoje tudo é extremamente rápido, urgente, ansioso, angustiante. Muitos adultos sentem que dormiram e acordaram com 40, 50 ou 60 anos. Têm a impressão de que ontem eram crianças e hoje estão com cabelos grisalhos. Não encontram tempo para conviver com as pessoas que amam nem para dialogar com eles mesmos. Atualmente muitos sorrisos são disfarces.

As pessoas não têm tempo para repensar sua história e filosofar sobre a vida. Raros são os que investem em seus projetos e sonhos mais cálidos. Não sabemos fazer uma parada estratégica para corrigir nossas rotas. Às vezes me vejo preso nesta armadilha.

A oração do *Pai-Nosso* foi uma dessas excelentes paradas estratégicas de Jesus para pensar os segredos que tecem a vida e refletir sobre os seus mais importantes projetos. Ele interrompeu todas as suas atividades para discursar profundamente sobre o Autor da vida e o ser humano.

Jesus estava famosíssimo. Como muitos que atingem um sucesso estrondoso, era de se esperar que não tivesse tempo para mais nada, que fosse vítima da própria fama e tivesse se tornado uma máquina de resolver problemas.

Mas, para surpresa da psicologia, ousou refazer sua agenda para ensinar a pensar. Para espanto da filosofia, subiu a uma montanha para ver o horizonte e lá fez um excelente mergulho em seu interior, estimulando os discípulos e a multidão a serem caminhantes no insondável mundo que os tecia como seres pensantes. Foi um fascinante convite à introspecção.

O tempo parou para que ele analisasse os ditames da vida. Jesus instigou seus ouvintes a expandirem sua capacidade de observar, interiorizar, deduzir, criticar e agir. Não queria gerar servos tímidos, frágeis, submissos, mas pensadores livres que mudassem a geografia da história, pelo menos da própria história.

Nesse clima, ele ensinou a sua famosa oração. Ela é dirigida a todo ser humano, de qualquer raça, cultura, religião, mas em especial aos que têm coragem para se esvaziar e se tornar eternos aprendizes, aos que procuram a serenidade e a mansidão, aos que têm sede e fome de justiça, aos que querem construir uma nova sociedade.

Jesus quis mostrar que ninguém deve ser classificado em função de sua liderança empresarial, da fama, da capacidade intelectual ou de títulos teológicos. Demonstrou que, para conhecer Deus e a si mesmo, é necessária uma única condição: ser uma pessoa transparente, desprovida de maquiagem social.

Um simples carpinteiro deixou embasbacados homens e mulheres. O homem que entalhou madeiras usou hábeis palavras para lapidar a alma humana.

### *Os ângulos de análise*

Antes de discorrer sobre a oração do *Pai-Nosso*, gostaria de falar sobre o homem que a proferiu. Quem foi Jesus, chamado Cristo? Qual o seu capital intelectual? Era diretor do roteiro da sua história nos focos de tensão ou vítima das circunstâncias que o envolviam?

Como um cético pesquisador da psicologia, procurei analisar detalhadamente a personalidade de Jesus. Debrucei-me sobre os textos das suas quatro clássicas biografias - os evangelhos - em várias versões.

Como toda análise biográfica, a que realizei entra no campo da subjetividade. Em *Doença mental e psicologia*, Foucault afirma que a psicologia não deve copiar das ciências naturais a objetividade excessiva nem copiar das histórias biográficas as características segmentadas (Foucault, 1998).

O grande desafio ao analisar os complexos comportamentos de Jesus relatados nos evangelhos é compreendê-los dentro do contexto. Tal pensamento está em sintonia com a Fenomenologia de Husserl (Husserl, 1980). Para Foucault e Husserl, a psicologia deve ir para o campo da observação multifocal, enxergando por vários ângulos o mesmo fenômeno.

O processo de observação e análise procura a "verdade" na relação entre os sujeitos. É como enxergar a doença com os olhos do próprio doente, enxergar o outro a partir dele mesmo. Imaginem como seria enxergar a traição de Judas com os olhos do próprio Judas, colocando-nos no lugar dele.

Vamos tomar a traição de Judas Iscariotes como exemplo. Por isolar esse ato, sem procurar compreendê-lo num contexto mais amplo, milhões de pessoas consideram esse discípulo uma pessoa violenta, desumana, indigna de ter vivido. Malham simbolicamente Judas. Como analisei as reações de Judas dentro do contexto, meu pensamento sobre ele é diferente.

Do ponto de vista psicológico, Judas foi até certa altura o melhor dos discípulos. O mais calmo, culto, o que menos envolveu Jesus em situações tensas e o que possuía maior vocação social. Mas ele tinha um grave problema: não se conhecia, não era transparente, não entrava em contato com as próprias mazelas psíquicas e, portanto, não tinha coragem e habilidade para mergulhar dentro de si e mudar suas rotas.

Raramente alguém raciocina com brilhantismo quando é frustrado. Muitos pais, maridos, esposas, filhos, colegas de trabalho, nos primeiros segundos de uma frustração, falam palavras que nunca deveriam ser ditas. Quando a frustração está ligada a traição, ela bloqueia ainda mais a inteligência e esmaga a lucidez.

Para admiração da psicologia, ao ser traído Jesus teve uma reação surpreendente. Gerenciou seus pensamentos, oxigenou sua emoção, abriu o leque da sua inteligência e corajosamente chamou Judas de amigo (*Mateus 26:50*).

Jesus amava Judas. Depois de receber o amargo beijo da traição, deu a outra face ao discípulo, demonstrando que vivia plenamente o que pregou. É possível que essa reação não tenha sido estudada pela teologia, mas ela representa um gesto único na história.

Jesus estava perdoadando Judas e lhe dando o pão da generosidade, o pão da sabedoria. Em situações inóspitas, colocou em prática a oração do *Pai-Nosso*. Foi uma pessoa de uma coerência ímpar.

Para Jesus, cada pessoa, independentemente de sua raça ou cultura, era um artista existencial. Para ser justo com um artista não se pode avaliá-lo por uma obra isolada, mas pelo conjunto de suas criações. Jesus analisou o conjunto das obras de Judas. Sabia que ele

não planejara a traição durante meses. Por isso o preço que recebeu para trair seu mestre foi baixíssimo, o valor de um escravo. Um homem culto, da linhagem dos zelotes, não trairia o mais espetacular dos homens por preço tão desprezível.

Diante do pão da generosidade oferecido por Jesus, Judas arejou sua inteligência e caiu em si. Infelizmente, ao invés de usar seu erro para crescer, como fez Pedro depois de negar Jesus, foi dominado por um forte sentimento de culpa.

Sob essa ótica analítica, podemos dizer que o *evangelho segundo Judas*, há algum tempo comentado largamente na imprensa, e que o retrata como um herói que contribuiu conscientemente para levar Jesus ao sacrifício, é uma ficção. Não tem fundamento, pois é incompatível com a história psicológica do próprio Judas.

Jesus acolheu Judas, queria protegê-lo, mas Judas foi implacável consigo mesmo. Quando o sentimento de culpa é dosado, ele estimula a reflexão. Mas quando é intenso, como no caso desse discípulo, encarcera a emoção, aprisiona o eu, esmaga a auto-estima. Considerando-se o último dos homens, Judas sentiu-se indigno de continuar sua história. Suicidou-se.

Ele desejava encontrar em Jesus um libertador externo, mas o Mestre queria libertar o ser humano interiormente. Judas queria dominar, Jesus queria se doar. Judas tinha sede de poder, Jesus tinha sede de amor. O discípulo decepcionou-se com o mestre. Ambos pisaram o mesmo solo, mas viveram em mundos diferentes.

A história ainda se repete. Pessoas maravilhosas dividem o mesmo espaço, mas não dividem sentimentos. Falam sobre tudo, mas não sobre si mesmas. Admiram-se, mas são estranhas umas para as outras. O desprezado Jesus tentou abraçar seu discípulo, mas ele não o permitiu no momento mais ardente da sua história.

### *Eterna busca da verdade*

Durante minha trajetória de investigação da personalidade de Jesus, esperava encontrar uma pessoa imaginária, de idéias menores, ou um herói religioso píffio, fabricado na mente de alguns galileus. Mas fiquei deslumbrado com esse homem. Descobri que é simplesmente impossível que o intelecto humano o tenha construído.

O resultado dessa investigação foi a coleção *Análise da Inteligência de Cristo*, hoje publicada em dezenas de países, utilizada em universidades e usada pelas mais diversas religiões, inclusive não-cristãs.

Escrevi mais de mil páginas. Parece uma grande produção, mas na realidade é muito pouco para dissecar o complexo teatro intelectual do homem que incendiou a história. Jamais analisei alguém cujas idéias fossem tão sintéticas e ao mesmo tempo tão abrangentes e cercadas de implicações e enigmas.

Jesus superava o cárcere do medo e conseguia relaxar em situações extremamente tensas. Pensava antes de reagir em ambientes onde qualquer intelectual reagiria por instinto. Tinha habilidade para fazer um brinde à vida quando o mundo desabava sobre ele. O mundo comemora com festas seu nascimento, mas desconhece sua fascinante inteligência.

Analisar a grandeza intelectual de Jesus me fez enxergar minha pequenez. Que homem é esse que investe tudo o que tem no ser humano, mesmo quando este o decepciona ao máximo? Que inteligência é essa que, no meio de tantas atividades, é capaz de deter-se diante de uma flor e fazer dela um espetáculo para os olhos?

Que personalidade é essa que teve a coragem de exaltar prostitutas e dizer que elas precederiam no reino dos céus renomados religiosos de conduta aparentemente ilibada? Sua sensibilidade era provocadora. Ele conseguia enxergar os seres humanos através de seus próprios olhos, como nenhum psiquiatra jamais fez. Era capaz de abraçar um leproso e tratar

as feridas do desprezo e da alienação social sem que o doente o pedisse. Era impossível ficar ao seu lado sem derrubar preconceitos e refazer paradigmas sociais.

O resultado de todo o seu ensinamento foi excepcional. Como artífice da psique, elevou o padrão da humanidade de seus discípulos, levando-os a aprender, em primeiro lugar, que *o ser humano que erra é mais importante do que os erros que comete*. Em segundo, que *a solidariedade só existe quando temos o direito de recomeçar tudo após falharmos e quando damos este mesmo direito às pessoas que nos frustram*. Em terceiro lugar, que *só há liberdade plena em um lugar - dentro de nós mesmos -, e somos livres apenas quando a encontramos*.

#### *A oração do Pai-Nosso: tão calma e tão incendiária*

Respeito todo e qualquer tipo de crença e religião, mas, como disse, não discorrerei sobre religião. A única defesa que farei é de uma mente livre para debater as idéias. Quando a fé inicia, a ciência se cala. A fé transcende a lógica, é uma convicção em que a dúvida está ausente.

Por sua vez, a ciência emerge da dúvida. Quanto maior for a capacidade de duvidar e de questionar um fenômeno, maior será o processo de observação e investigação. Maior a arquitetura da resposta.

Se por um lado Jesus discorria sobre a fé, por outro nos deixava boquiabertos com sua capacidade de polir a arte de pensar. Suas parábolas inauguraram novas possibilidades para o mundo das idéias. Lapidava o intelecto dos seus ouvintes como um escultor que fere o mármore em busca da sua obra-prima.

Jesus era muito mais do que um propagador da fé. Era um incendiário da inteligência. Qualquer ateu que o investigar sem preconceito, ainda que não se torne religioso, terá de curvar-se diante da sua sabedoria.

Analisarei a oração do *Pai-Nosso* sob os mesmos ângulos usados na coleção *Análise da Inteligência de Cristo*. Essa oração é uma caixa de enigmas. Revela, inclusive, princípios para estabelecer a viabilidade da espécie humana dilacerada pela intolerância religiosa, pelas discriminações, pela competição predatória, pelos transtornos psíquicos e sociais.

O ambiente era épico. Ali Jesus proferiu talvez seu mais notável discurso, o Sermão da Montanha. O ambiente era propício para que as palavras ganhassem sonoridade. As rajadas de vento revolviam os cabelos dos ouvintes e libertavam o imaginário. O silêncio era uma sinfonia.

Antes e durante a proclamação do seu brilhante discurso, o Mestre dos Mestres talvez tenha contemplado Jerusalém, a mais célebre das cidades, que se encontrava a algumas centenas de metros à sua frente. Jerusalém, palco de eternas disputas, teatro de alegria e dor, se tornaria capital das três grandes religiões monoteístas: o judaísmo, o islamismo e o cristianismo.

Se essas religiões vivessem minimamente o conteúdo da oração do *Pai-Nosso*, haveria júbilo, e não choro, paz, e não guerras, requinte de lucidez, e não loucuras. Como o mais pujante dos oradores, o homem Jesus elevou sua voz.

Suas palavras penetraram no mais íntimo dos que o ouviam como a lâmina de um cirurgião que diseca os tecidos secretos. No meio do seu discurso, respirou profundamente, fez uma pausa serena e ensinou sua magna oração, criando uma plataforma para que a humanidade tivesse um diálogo íntimo, translúcido e aberto com o misterioso Autor da existência. Ele bradou em voz bem alta:

*Pai-Nosso*

*Que estás nos céus,*

*Santificado seja o Teu nome,*

*Venha a nós o Teu reino,*

*Seja feita a Tua vontade,*

*Assim na terra como no céu,*

*O pão nosso de cada dia nos dá hoje,*

*Perdoa as nossas ofensas,*

*Assim como temos perdoado a quem nos tem ofendido,*

*E não nos deixes cair em tentação,*

*Mas livra-nos do mal. (Mateus 6:9)*

O *Pai-Nosso* é uma caixa de segredos. É preciso abri-la. Com as palavras dessa oração Jesus procurava emancipar as mentes, libertar a emoção. Nela, nenhum miserável foi excluído, nenhum errante foi rechaçado, nenhum sacrifício foi pedido, nenhum dogma, proclamado, nenhuma lei, estabelecida.

Seus enigmas fascinantes são capazes de expandir o potencial humano não apenas no campo da espiritualidade, mas também no terreno da saúde psíquica, das relações sociais, da superação de conflitos, da educação, do desenvolvimento da inteligência, do resgate da liderança do eu. São implicações surpreendentes.

A oração do *Pai-Nosso* rima nos extremos: é singela e complexa, calma e incendiária, inofensiva e desafiadora. Jamais palavras simples tiveram tanta profundidade. Jamais um texto tão pequeno foi tão revolucionário.

## Capítulo 2

### *A solidão de Deus*

*A oração do Pai-Nosso: o grito da solidão de Deus*

A análise da primeira palavra da oração de Jesus expressa um grito que ecoa além dos limites do espaço e do tempo. Ao começar a ensinar o mais excelente diálogo entre o ser humano e o Autor da existência, o Mestre dos Mestres usou a palavra *Pai*. Essa pequena palavra contém alguns segredos importantíssimos. O primeiro segredo entra frontalmente na esfera da psicologia e da sociologia: *Deus possui uma intensa e dramática solidão!*

O Deus que aparece no discurso de Jesus é um pai que possui um rombo emocional que não pode ser solucionado com nenhum artifício, nenhum tipo de poder, servidão ou adoração. A carência afetiva desse complexo Pai só pode ser resolvida se tiver filhos com uma personalidade tão complexa quanto a sua e que sejam capazes de interagir com Ele e construir uma rede de relacionamentos.

Jesus não disse "Deus Nosso que estás no céu", ou "Criador Nosso", ou "Todo-Poderoso Nosso". É significativo que tenha dito "Pai Nosso". A palavra *pai* indica necessariamente a existência de uma relação íntima entre o que gera e os que são gerados.

Implica a identidade essencial entre as partes, uma troca de experiências, um cruzamento de mundos.

Não gosto da expressão "filhos adotivos", pois ela carrega estigmas e inverdades psicológicas. Mesmo que os pais não sejam biológicos, que não exista a transmissão da carga genética, o processo de formação da personalidade dos filhos contém um número suficiente de variáveis para que os pais não-biológicos se tornem pais psicológicos.

Não há filhos nem pais adotivos. Se as histórias se cruzam, se existe uma trama de relacionamentos rica e contínua, eles se tornam filhos e pais psicológicos. Por outro lado, quando o relacionamento entre pais e filhos biológicos é distante, frio e desprovido de afeto, quando a participação no processo de interação e formação da personalidade é insuficiente, eles se tornam pobres pais e pobres filhos psicológicos. Dividem o mesmo espaço físico, mas não a mesma história.

A oração do *Pai-Nosso* reflete o clamor do ser mais misterioso deste universo procurando uma relação íntima e aberta com a humanidade. Pode haver um Deus sem filhos e um Criador sem filhos, cercado apenas por suas criaturas, mas não existe um pai sem filhos. Pode haver um rei, um presidente, um multimilionário rodeados de serviçais e bajuladores, mas é impossível haver um pai sem filhos.

O primeiro segredo assombroso da oração do *Pai-Nosso* é que Deus pode ser mais poderoso do que qualquer religião jamais imaginou, mas é um Deus solitário e, portanto, incompleto. Deus pode ser indecifavelmente perfeito e insondavelmente grandioso, mas falta-lhe algo. É como se Ele tivesse criado o teatro da existência com bilhões de galáxias, porque procura ansiosamente algo que não possui.

Muitos teólogos e filósofos debateram sobre Deus. Alguns afirmaram que Deus é onipotente, outros, onipresente, e ainda outros, onisciente. Mas nenhum deles descobriu que a oração do

*Pai-Nosso* discorre não sobre o Deus todo-poderoso, mas sobre o Deus carente.

Ao se posicionar como Pai, Deus bradou que precisa de filhos. Mostrou que é vítima da mais complexa e poética solidão. Ele pode apreciar a existência de bilhões de planetas,

pode admirar milhões de espécies da natureza, mas tem uma dramática necessidade psíquica de se relacionar e construir laços afetivos com filhos.

Inúmeras pessoas tiveram medo de Deus ao longo da história. Outras se prostraram diante Dele mostrando espantosa reverência, e ainda outras, envolvidas na colcha de retalhos das próprias dúvidas, bradaram: "Deus não existe!"

Observando e analisando todos esses comportamentos, não há como negar que, ao longo da história, Deus tirou o sono de bilhões de pessoas, tanto de religiosos como de ateus. Ainda hoje Ele inquieta a mente humana mais do que qualquer outro fenômeno. Mas o ser humano também inquieta a mente desse enigmático Pai mais do que qualquer outra coisa.

Por estranho que seja, o Deus todo-poderoso necessita escrever nas tábuas do seu ser a poesia que se inicia com essas palavras: "Eu preciso do ser humano."

### *Os pais dependem dos filhos?*

Os seres humanos de todas as culturas e religiões sempre tiveram a tendência de se colocar numa posição de desigualdade em relação a Deus. Deus é imortal, o ser humano é mortal. Deus é imbatível, o ser humano é frágil e inseguro.

Carl Jung comentou sobre as imagens construídas no inconsciente coletivo (Jung). Quanto menos se conhece alguém, mais corremos o risco de construir a sua imagem de maneira distorcida, aumentando-a ou diminuindo-a. Através desse mecanismo, muitos carrascos viraram heróis ao longo da história, e muitos heróis se transformaram em carrascos na mente das futuras gerações. Preenchemos a falta de elementos que definem a personalidade de uma pessoa com fantasias, imaginações, superstições.

Por nunca terem visto, tocado e se relacionado com Deus sem barreiras e distâncias, as pessoas das mais diversas culturas e religiões construíram no inconsciente coletivo uma imagem do Criador. Uma característica comum na construção dessa imagem em todas as religiões, incluindo as cristãs, é que Ele é intocável, incompreensível, desprovido de necessidades. No entanto, a oração do *Pai-Nosso* mostra um Deus que possui uma fascinante necessidade psíquica. A necessidade de superar sua solidão.

A parada estratégica de Jesus no Sermão da Montanha procurava abrir os olhos da humanidade. Para o inteligente homem de Nazaré, Deus não quer que os seres humanos tremam em Sua presença, mas que tenham intimidade com Ele. Não quer mostrar poder, mas sensibilidade. Não quer controlá-los, mas fomentar sua liberdade.

Certa vez um milionário chorou intensamente em meu consultório. Era invejado financeiramente e cortejado socialmente. Tinha tudo, mas se sentia um miserável. Por quê? Porque não possuía o amor dos seus filhos.

Eles conheciam o saldo bancário do pai, mas não conheciam seus sentimentos. Sabiam explorá-lo, mas não amá-lo. Jamais lhe perguntavam sobre seus sonhos, preocupações e decepções. O pai era uma máquina para satisfazer-lhes os desejos, tal como é Deus para muitos seres humanos. Esse pai que me falava do seu sofrimento estava convicto de que, se um dia perdesse a fortuna, perderia seus filhos.

Uma parte significativa da humanidade reage assim. Exploram Deus, mas não se importam com seus sentimentos. Discorrem sobre Deus, mas não percebem que Ele possui uma personalidade real e concreta. Para eles, Deus é desprovido de necessidades psíquicas, é um pai que não precisa de diálogo.

Segundo Jesus, o Deus que se esconde atrás da cortina do tempo e do espaço não é um Deus temível, mas um Pai sensível. Não é um Deus auto-suficiente, mas um Pai solitário. Não é um Deus que imprime culpa e controla comportamentos, mas um Pai apaixonado que deseja ardentemente ser conhecido e criar vínculos de amor. É certamente

um Deus muito diferente do que foi proclamado em milhares de anos de história.

As pessoas decoraram a oração ensinada por Jesus sem analisar seus mistérios, sem lubrificar os olhos com o colírio filosófico e psicológico contido em seu texto. A oração do *Pai-Nosso* implode temores e provoca amores.

#### *A solidão movimenta a psique*

Temos a tendência superficial de achar que a solidão é uma característica doentia da personalidade. No entanto, a solidão é uma das mais importantes e saudáveis características da personalidade humana. Ela só assume formas doentias quando não é superada, provocando isolamento, insegurança, timidez, fobia social, sentimento de inferioridade, reações depressivas, preocupação neurótica com o que os outros pensam e falam de nós, necessidade doentia de controle, obsessão insana pelo poder.

Em seu aspecto positivo, a solidão é a mola mestra que movimenta, consciente e inconscientemente, as construções intelectuais. Quando usada de forma construtiva, ela estimula as relações sociais, retira-nos do individualismo, cultiva a solidariedade, excita a tolerância, realça o poder criativo. A solidão pode nos levar à interiorização, à reflexão existencial e à correção de rotas de vida.

Há três grandes tipos de solidão que fazem parte da natureza psíquica de qualquer ser humano. A primeira é inconsciente, enquanto que as outras duas podem se manifestar conscientemente:

1. A solidão gerada pela virtualidade da consciência existencial;
2. A solidão intrapsíquica;
3. A solidão social.

Vamos examinar sinteticamente esses três tipos de solidão. A primeira, que é inconsciente, é a fonte das duas outras. Ou seja, a natureza virtual da consciência existencial contribui para gerar inconscientemente a solidão intrapsíquica e a solidão social. Sei que esse assunto é extremamente complexo, mas procurarei abordá-lo de maneira simples.

Dentro das minhas limitações intelectuais, digo que esses três tipos de solidão não atingem apenas a psique humana. Vamos ver como eles atingem frontalmente a psique do Autor da existência.

Parece um delírio psicológico e filosófico discorrer sobre a mente de Deus, se mal conheço as entranhas inconscientes e conscientes da minha própria mente. Mas, em meu entendimento, acredito que sem esses três tipos de solidão seria provavelmente impossível tanto para Deus quanto para o ser humano envolverem-se numa empreitada de criatividade e de construção de uma trama de relacionamentos sociais, bem como de relacionamentos com eles mesmos.

É provável que, se esses três tipos de solidão não fizessem parte da personalidade do Criador, não haveria nenhum compromisso desse enigmático e misterioso Deus com a humanidade. Seríamos uma experiência laboratorial logo descartada. Um brinquedo construído por Ele para se divertir no tempo, e que logo O entediaria, ainda que esse "logo" pudesse durar milhares ou milhões de anos. Uma vez entediado, o Autor da existência nos jogaria na sua lixeira eterna.

Felizmente a oração do *Pai-Nosso* aponta fortemente em outra direção.

## Capítulo 3

### *A solidão gerada pela virtualidade da consciência existencial*

O primeiro tipo de solidão é o mais difícil de ser compreendido. É também o mais chocante, capaz de abalar nossos preconceitos e romper paradigmas que sustentam nossa compreensão sobre a vida e a existência.

Peço que o leitor se debruce pacientemente sobre este texto. Mesmo sem compreender alguns fenômenos sobre os quais discorrerei, é possível extrair algumas pérolas para entender minimamente quem somos e por que somos tão complexos e complicados.

Quais são essas pérolas? A compreensão de por que sofremos pelo futuro que ainda não aconteceu, por que nos atormentamos por pequenas coisas e construímos incessantemente imagens e pensamentos no palco da inteligência. O entendimento das razões que fazem com que problemas menores se tornem monstros e diminutos atritos rompam belíssimas relações. O porquê de nos transformarmos em carrascos de nós mesmos ou dos outros e de interpretarmos superficialmente nossos comportamentos e os alheios.

Por estudar a construção e a natureza dos pensamentos, este assunto, a meu ver, envolve a última fronteira da ciência.

Nossos pensamentos conscientes geram a consciência existencial. Diariamente produzimos milhares de pensamentos que constroem os mais variados tipos dessa consciência. A consciência sobre gestos, expectativas, atitudes, reações dos outros, trabalhos, metas, projetos, estados emocionais, desejos, impulsos. A consciência de onde estamos, como estamos e o que somos.

A consciência existencial é o fenômeno mais espetacular e incompreensível da psique. Toda produção de conhecimento é fruto dela. Sem a consciência existencial não haveria ciência, literatura, relações sociais, identidade da personalidade. Seríamos átomos errantes, animais que perambulam pelo traçado da existência sem ter percepção da própria história e sem capacidade para construí-la.

Ao longo de mais de 20 anos de pesquisa sobre o processo de construção de pensamentos, fiquei impressionado ao constatar que o pensamento para construir ciência, relações sociais e autoconhecimento não é essencialmente real, mas virtual - não existe como realidade concreta. Eis a grande questão.

Através dessa consciência sabemos que somos seres únicos no teatro da vida, que não há duas pessoas iguais a nós na massa da humanidade. Entretanto, apesar de ser tão fantástica, ela é irreal em si mesma - é virtual -, e como tal jamais atinge a realidade.

Por ser virtual, cria-se um tremendo paradoxo intelectual. Não temos a realidade do mundo que conscientizamos, mas ao mesmo tempo podemos construí-lo imaginariamente com espantosa liberdade. Somos prisioneiros da virtualidade, mas ao mesmo tempo somos livres para pensar.

Muitos filósofos, psicólogos, psicopedagogos nunca se deram conta de que a virtualidade da consciência existencial nos permitiu dar saltos sem precedentes rumo à imaginação. Podemos pensar no amanhã sem que ele exista. Podemos pensar no Passado ainda que ele seja irretornável. Podemos pensar nos confins do universo ainda que jamais

pisemos lá. Podemos imaginar milhares de pessoas em nossa mente sem entrar em contato com nenhuma delas.

Se a consciência existencial fosse real, e não virtual, seria completamente limitada. Por quê? Porque teríamos de ter a realidade essencial de tudo aquilo de que nos conscientizamos. Teríamos de ter a essência dos átomos quando falamos deles, teríamos de possuir a essência da tinta dos quadros de pintura quando os descrevemos.

Como a consciência é virtual, podemos construir imagens mentais sem a necessidade de ter a realidade dos fenômenos sobre os quais discorreremos. Podemos falar sobre a namorada, a esposa, os filhos, os colegas de trabalho, sem tocar a essência da personalidade deles.

Tudo o que estou dizendo aqui é para ajudar a entender melhor o primeiro segredo da oração do *Pai-Nosso*. Jesus colocou Deus como Pai. Isso significa que o Altíssimo possui uma necessidade psíquica inimaginável, uma enorme sede de relacionamento.

Gostaria, antes de discorrer sobre o intelecto de Deus, de falar sobre sua origem, um assunto que perturba a minha mente.

### *Qual a origem de Deus?*

Segundo alguns textos bíblicos, Deus não tem origem. Ele é o único fenômeno que não teve início, nunca nasceu. Deus não teve princípio de dias nem terá fim de existência. Para Moisés, Ele se auto-proclamou de um modo inexplicável, apresentou-se não pelo verbo existir, mas pelo verbo ser: *Eu sou*. Demonstrou que sua natureza intrínseca é a realidade do verbo *ser* em todas as suas conjugações. Ele foi e sempre será. Ele era, é e será (*Apocalipse 4:8*).

Num capítulo anterior comentei que o "nada" não pode engravidar a "existência". Só a existência pode gerar existência. Só algo auto-existente pode ser a fonte de todos os inícios. Mas que mente consegue compreender esse fenômeno? Que intelecto pode alcançá-lo?

Já pensei muito nesse assunto e, quanto mais pensei, mais confuso fiquei. Nossa inteligência temporal só consegue entender algo que tem origem e fim, porque desde a vida fetal ela foi confeccionada com esses parâmetros. O sol nasce e se põe, um avião decola e chega ao destino, um raio de luz é emanado e atinge um alvo, um pensamento constrói-se e se dissipa.

A vida nasce e morre. Aliás, morremos um pouco a cada dia. Nossa existência transcorre num breve soluço do tempo. Todas as nossas conquistas, lutas, empreendimentos, orgulho, coragem, força, capacidade se esfacelam numa brevíssima existência. Mas a psique de Deus transcende o tempo, vai de eternidade a eternidade. Tomando esse fato bíblico como verdadeiro, ainda que não possamos explicá-lo, abro o meu questionamento.

Como se desenrolou a psique de Deus em toda a eternidade passada? Deus também possui uma consciência existencial virtual? Ele também produz incontáveis imagens mentais, pensamentos e idéias num processo livre e contínuo? Ele vivenciou uma eterna solidão? Se vivenciou, como a superou?

Alguns talvez esbravejem ante minha ousadia, exclamando: "Você está humanizando Deus!", "Isto é loucura! Nenhum ser humano jamais arranhará qualquer resposta!".

Respondo que, em primeiro lugar, quem "humanizou" ou aproximou a personalidade de Deus da humana foi o próprio Jesus na oração do *Pai-Nosso*. Ele o chamou de Pai, e não de Criador ou de qualquer outro nome.

Em segundo lugar, um pai só consegue ter um relacionamento profundo e saudável com seus filhos se eles se conhecem mutuamente, se têm coragem de estabelecer um

diálogo aberto e transparente, e intimidade para compartilhar as maiores frustrações e tristezas, bem como alegrias e projetos. Portanto, se Jesus iniciou sua oração dizendo que o Autor da existência é acima de tudo um Pai, conclui-se que Deus deseja ser conhecido, investigado e perscrutado.

Uma das coisas que mais amo na relação com minhas três filhas não é que me obedeçam ou se alegrem com os presentes que lhes dou. Eu as amo sobretudo quando me questionam, perguntam sobre meus sentimentos, penetram nos meus sonhos e nas minhas inquietações.

Em terceiro lugar, estudaremos ao longo dos capítulos deste livro que Deus deseja que seu nome seja santificado, honrado, valorizado. Nada tão humano! Em quarto lugar, na sintética oração do *Pai-Nosso* observamos que Deus quer que sua vontade seja realizada tanto na terra quanto no céu. Além disso, há nela uma referência ao *pão nosso diário*, o pão que nutre o corpo, supre a inteligência e alimenta o espírito humano. Todas essas coisas são essencialmente ligadas à nossa humanidade.

Tudo isso indica que o Deus Todo-Poderoso descrito por Jesus é mais parecido com o ser humano do que imaginamos, ou que nós somos mais parecidos com Ele do que supomos. Esses argumentos preparam uma base para que eu continue com humildade, mas sem abandonar a ousadia, minha trajetória de investigação. Nessa trajetória, não consigo deixar de me perguntar como Deus sobreviveu emocionalmente na eternidade passada. A eternidade foi uma prisão insuportável ou um manancial de prazer?

Preciso discorrer sobre outros importantes assuntos antes de tentar construir uma resposta. Mas precisamos ter em mente que cada resposta é o começo de novas perguntas. Não existe resposta completa na psicologia, na filosofia e talvez em nenhuma outra área do conhecimento.

### *Um espaço intransponível entre nós e o mundo*

Para fazer algumas inferências sobre a mente de Deus, vamos examinar como funciona a dos seres humanos.

Um psiquiatra ou psicólogo pode se conscientizar dos transtornos do seu paciente, mas jamais penetrará na psique deles, jamais atingirá a essência intrínseca dos seus medos, da depressão, da obsessão, da psicose. Toda conscientização é um sistema de interpretação.

Se os profissionais da saúde mental não aprenderem a interpretar bem os conflitos dos seus pacientes, se não se colocarem no lugar deles, o conhecimento que produzirão será muito distorcido, contaminado, gerando graves erros.

A consciência virtual nos aproxima dos outros se a interpretação for criteriosa e lúcida, ou nos afasta deles se for preconceituosa. Não possuímos a realidade essencial das pessoas que nos circundam, embora possamos discorrer sobre elas. Não possuímos nem mesmo nossa própria realidade. Tudo o que pensamos a nosso respeito não é a realidade essencial do que somos, mas um sistema de interpretação que tenta nos definir, nos conceituar, nos entender.

Essas interpretações podem nos asfixiar ou libertar. Muitas pessoas se diminuem, se desvalorizam, se acham intelectualmente incapazes e afetivamente carentes. Transformam-se em algozes delas mesmas. Em contrapartida, há aqueles que, ao se avaliarem, supervalorizam-se, acham-se deuses, querem dominar e controlar quem se encontra ao redor. Tornam-se carrascos dos outros.

Muitos ditadores, psicopatas e líderes políticos cometeram atrocidades porque deram ao pensamento consciente um crédito que ele nunca teve. Não entenderam que o pensamento é irreal, que pensar é interpretar, e interpretar é passível de inúmeras distorções

maiores ou menores, dependendo do exercício da sabedoria.

Se as interpretações forem contaminadas, seremos capazes de cometer injustiças, de discriminar, julgar, excluir, judeus e árabes vivem num eterno conflito, sem nunca terem analisado a natureza virtual dos pensamentos, sem compreenderem que não se trata de dois povos distintos, mas de membros da mesma espécie humana, cujas idéias não são essencialmente verdadeiras, mas virtuais.

Por ser virtual, o teatro da mente humana é capaz de criar inimigos colossais que nunca foram inimigos. Palestinos e judeus possuem as mesmas necessidades e precisam por isso superar sua solidão, ser abraçados, respeitados, amados.

Quem entende esse processo aprende que os fortes compreendem e os fracos julgam. Descobre que os fortes acolhem e perdoam, mas os fracos condenam e excluem. Somos uma espécie pouco complacente porque nunca entendemos a natureza e os limites do processo de construção dos pensamentos.

Somos livres para pensar sobre o mundo que somos e em que estamos, mas não compreendemos como é fácil criar monstros no universo virtual de nossas mentes. Uma barata pode virar uma terrível ameaça, uma reação de desprezo pode se tornar uma fonte de ódio, uma decepção é capaz de gerar uma fobia social e um pavor de expor-se publicamente.

Como é fácil alimentar o ciclo da violência! Mesmo nas universidades existem supostos intelectuais que são predadores da liberdade dos outros. Perseguem seus pares e têm medo da competição, pois amam ser estrelas.

O que poderíamos dizer então sobre a mente de Deus? Ele tem os limites de interpretação que nós temos? O teatro da sua mente também é virtual? Ele comete distorções ao observar os comportamentos humanos como normalmente cometemos? Ele contamina seu julgamento com preconceitos como facilmente fazemos?

Penso que Deus tem um teatro intelectual virtual, pois isso faz parte inerente da consciência existencial. Caso contrário, ela não seria livre para imaginar. Entretanto, de acordo com a descrição de Jesus, é possível inferir que Deus possui vantagens enormes sobre a mente humana. Citarei apenas duas.

Primeiro, embora tenha uma consciência virtual completamente livre para imaginar, criar e construir, Deus possui também o poder de transformar o virtual em real. Talvez entre aqui o seu papel enigmático de Criador.

Nós não transformamos nossos pensamentos e fantasias em algo concreto, a não ser com planejamento e complexo trabalho motor. Um projeto pode demorar anos para ser realizado. Deus, ao que tudo indica, faz o que quer, quando quer, do jeito que quer, bastando liberar sua imaginação e seu desejo. Loucura? Para a ciência, sim. Mas Jesus indica que seu Pai não precisa dos princípios da ciência.

Em segundo lugar, Deus atinge a realidade essencial da nossa psique. Ele toca o inatingível. No salmo 139 existe um comentário complexo: "Senhor, Tu me perscrutas e me conheces. Sabes quando me deito e me levanto; de longe penetras os meus pensamentos."

O rei Davi, num momento de inspiração, afirmou que Deus possui algo impossível de ser alcançado pela inteligência humana. Ele constrói nossos comportamentos no seu imaginário, mas, se desejar, tem meios para penetrar na psique, penetrar no processo de construção dos pensamentos e analisar o que está por trás dos bastidores de nossas reações externas.

O Deus anunciado em prosa e verso por Jesus consegue penetrar em áreas que os psiquiatras e psicólogos jamais conseguirão atingir. Ele tem capacidade para perscrutar a natureza intrínseca de nossas intenções e emoções. Isso poderia transformá-lo num invasor de nossa privacidade, destruidor da nossa liberdade. Se os seres humanos tivessem essa

habilidade, nossa espécie humana já teria sido extinta.

Entretanto, Deus é um Pai e, como veremos, não usa essa capacidade para controlar o ser humano, mas para promovê-lo em seus aspectos mais amplos. Além disso, essa habilidade O torna extremamente compreensivo, tolerante e cheio de compaixão.

É difícil explicar, mas essa arte de compreensão e tolerância refletia-se amplamente na personalidade de Jesus.

Cristo dizia que não viera para julgar ninguém, nem mesmo os débeis, os insanos e superficiais, mas para entender, apoiar e incentivar. Era capaz de ver um tesouro na psique de um coletor de impostos corrupto, de descobrir doçura no gesto comprometedor de uma prostituta que chorava aos seus pés (*Lucas 7:37 a 50*). Era hábil para ser gentil com um fariseu que o julgava. Para ele, cada ser humano era uma estrela única no teatro da vida. Jesus parecia enxergar o invisível.

### *A mais insidiosa solidão*

Nunca é demais enfatizar que existe um espaço intransponível entre o que pensamos e o mundo exterior em que vivemos, assim como também existe um antiespaço entre o que pensamos e o que realmente somos. Além das distorções da interpretação, quais são as outras conseqüências ou implicações do fato de a consciência existencial ser virtual?

A maior delas é a criação de uma atmosfera de solidão que gera uma necessidade irrefreável de produzir ininterruptamente pensamentos, imagens mentais, fantasias e idéias para alcançar a realidade do mundo exterior e interior, uma realidade nunca alcançada. Não paramos de pensar nos problemas, nas situações do amanhã, nas experiências passadas, nos sonhos e nas pessoas mais próximas.

A virtualidade da consciência liberta nossa mente, rompe o claustro da nossa psique e nos transforma numa incessante usina de construções intelectuais. Mesmo quando dormimos não conseguimos parar de pensar e criar. Todos nós sonhamos, ainda que não consigamos resgatar esses sonhos.

Quem consegue sufocar essa usina? Ninguém! Podemos desacelerar a produção de pensamentos através de técnicas, como a meditação, mas não podemos interrompê-la. Até a tentativa de interrupção já é em si um pensamento.

Pensar não é uma opção do ser humano, mas seu destino inevitável. Um destino espontâneo gerado pelo espetáculo mais complexo da inteligência - a consciência existencial. Não tenho palavras para descrever esse processo, de tanto que ele é sofisticado. A consciência existencial gera uma explosão de liberdade que nos faz compreender e abraçar o mundo.

É ela que alicerça em último estágio a produção de cientistas, pensadores, professores, alunos, artistas, místicos, religiosos, amantes, amigos, inimigos. É ela que gera a curiosidade, a procura, os desafios. Ela é a ponte que estabelece o cruzamento da história de um ser humano com outro, e deles com Deus, independentemente da religião que se abraça. A própria oração do *Pai-Nosso* parece emanar da consciência existencial de Deus.

Se não houvesse a consciência existencial, não existiria uma solidão intrínseca e inconsciente que faz o teatro da nossa mente ser tão livre, rico, plástico, criativo. Não existiria o imaginário. Viveríamos isolados, encarcerados dentro de nós mesmos, sem jamais saber quem somos, onde estamos e o que queremos.

Não haveria sociedades sofisticadas. Nossa espécie não teria sobrevivido, pois, diferentemente dos animais, temos baixo instinto de preservação da espécie. A preservação da espécie nos humanos depende pouquíssimo da carga genética e muito do processo educacional. Como nosso aprendizado é superficial, estamos nos matando e destruindo o

meio ambiente.

Deus tem a solidão gerada pela consciência virtual? Embora os textos bíblicos afirmem que Deus tem capacidade de transformar os pensamentos virtuais em fatos concretos, de transformar seu imaginário em fenômenos reais, de transformar o virtual em real, penso que Ele também sofreu conseqüências inson-dáveis geradas pela consciência existencial virtual.

Retornando ao grande tema: se Deus é eterno, se seus dias não têm princípio, como se desenrolou sua história durante toda a eternidade até se colocar como um Pai em busca de uma rede de relacionamentos com os filhos? O poder e a imortalidade são positivos ou negativos? Realçam o júbilo ou estrangulam a emoção? Essas são grandes questões para se refletir.

Muitos querem um poder semelhante ao do Deus descrito nas Escrituras do Novo e do Antigo Testamento, no Alcorão e na Tora. Querem ser eternos e imortais. Entretanto, jamais analisaram que a eternidade pode gerar um gravíssimo e insuportável transtorno psíquico.

Inúmeros presidiários planejam sua fuga a vida toda. Querem escapar da angústia gerada pela solidão. Desejam esmagar a rotina existencial e ter um lugar ao sol onde possam sonhar, oxigenar sua emoção e irrigar sua liberdade.

Usando esse exemplo, podemos inferir que, se a imortalidade não fosse acompanhada de um processo riquíssimo de superação da solidão, ela poderia ser mais sufocante do que a mais deprimente cela carcerária. Seria uma prisão eterna, capaz de gerar a mais grave e crônica depressão.

Se Deus não tivesse superado essa insidiosa e penetrante solidão, a eternidade seria uma angustiante masmorra, um canteiro de sofrimento, uma história irrigada por uma mesmice insuportável.

A solidão da consciência virtual, que faz parte da natureza psíquica humana e deve fazer parte da natureza da mente de Deus, é uma das áreas mais complexas a serem investigadas, é o ponto máximo de encontro entre a psicologia e a filosofia.

Essa solidão é muitas vezes inconsciente, imperceptível para os humanos. Mas, como já disse antes, ela gera dois tipos de solidão perceptíveis: a solidão intrapsíquica e a solidão social. Quem supera esses dois tipos de solidão vive uma existência riquíssima e desenvolve uma personalidade saturada de prazer e inventividade. Vamos ver como isso acontece.

## Capítulo 4

### *A solidão intrapsíquica e a solidão social*

#### *A solidão intrapsíquica*

Antes de entrar mais profundamente na solidão intrapsíquica revelada subliminarmente na oração do *Pai-Nosso*, vou fazer uma pausa para defini-la e comentar como ela atinge e controla a vida de bilhões de pessoas deste belo planeta azul.

A solidão intrapsíquica é definida pela necessidade irrefreável de todo ser consciente de relacionar-se consigo mesmo. Ela estimula o autoconhecimento, as viagens interiores, a introspecção, a reflexão, a meditação, a correção de rotas, a superação de conflitos.

Essa solidão nos estimula a ter um rico diálogo com nós mesmos, a fazer uma mesa-redonda com nossos temores, perdas, frustrações, sonhos, projetos de vida. Ela propicia, portanto, um excelente caminho para promover a saúde emocional e mental como um todo. Através dela podemos educar nossa capacidade de pensar antes de reagir.

Mas quem faz essas viagens interiores? Quem é treinado a dialogar consigo mesmo e a ter poéticos encontros com seu próprio ser? As sociedades modernas se transformaram em sociedades de auto-abandonados. Até pessoas cultas não sabem dialogar consigo mesmas. Grandes conferencistas sabem conversar com o público, mas raramente voltam-se para dentro de si. Como não adoecer?

O sistema educacional, embora constituído de professores que são poetas da inteligência, está gerando sociedades doentes. Esse sistema nos ensina a conhecer dos elétrons às estrelas, mas nos emudece diante do nosso ser. Vivemos a síndrome da exteriorização existencial. Temos dificuldade de introspecção, observação, reflexão e dedução.

Estudamos e discutimos sobre o mundo que nos envolve, da política à física, mas não sabemos chorar, falar de nossas crises, comentar nossos sonhos. Nosso superficialismo beira o inacreditável. Não aprendemos a velejar nas águas da psique.

O resultado é que o *Homo sapiens* tomou o caminho errado. Desenvolveu bilhões de informações e tecnologias para solucionar os problemas externos, mas, em pleno século XXI, ainda é uma criança perturbada diante das milenares mazelas psíquicas não resolvidas.

E Deus? Ele tem encontros com Ele mesmo? Reuniu-se com seu próprio ser ao longo da história, quando o tempo ainda não havia despertado? Ele se auto-abandona, tal como os seres humanos que são capazes de transformar sua curta trajetória existencial num canteiro de tédio? Estas são perguntas que devemos armazenar em nossa memória para, num segundo momento, refletir sobre elas.

Não sabemos analisar nossas tolices, fragilidades, inseguranças, fobias, ansiedades. Levamos a vida sem nunca penetrar em seu tecido mais íntimo. Quem não usa a solidão intrapsíquica para se interiorizar não supera seus traumas, vive na crosta da inteligência. Torna-se especialista em punir a si mesmo e aos outros.

Alguns se deprimem quando se aposentam. A aposentadoria transforma-se num desastre emocional, pois não se prepararam interiormente para descansar, sonhar, construir projetos de vida.

Outros estão na ativa, mas se dedicam apenas a resolver problemas, não a desfrutar as suas conquistas. Vivem uma contradição: são excelentes profissionais, mas predadores de

si mesmos.

Os psicopatas, num grau muito maior, também não se interiorizam. Não se colocam no lugar das suas vítimas, não penetram nos sofrimentos delas, não criticam as próprias obsessões violentas. Por terem abortado o processo de interiorização, não desenvolvem o embrião da sabedoria para destruir seus fantasmas psíquicos.

Quanto mais uma pessoa é consciente e lúcida, mais constrói uma plataforma para um auto-diálogo. Aqueles que não estabelecem ricos diálogos interiores, ainda que intuitivamente, têm muito mais chances de serem infelizes, inflexíveis, auto-suficientes, ensimesmados. Levam para seus túmulos as características doentias de sua personalidade.

Grande parte das doenças psíquicas não seria desenvolvida se fôssemos treinados desde a mais tenra infância a desenvolver um auto-diálogo capaz de nos fazer repensar nossas perdas e frustrações. Não tenho palavras para expressar o quanto me entristeço em saber que milhões de crianças e adolescentes serão futuros pacientes psiquiátricos porque nunca aprenderam a ser autores das suas histórias, debatedores de idéias.

Muitos nunca têm a oportunidade de descobrir que a introspecção bem elaborada, as imagens mentais bem construídas e as idéias bem estruturadas produzem uma fonte de entretenimento e experiência intelectual jamais propiciada pela TV e pela internet. A introspecção sadia gera sonhos, inspirações, aspirações, intuição, criatividade e prazeres.

#### *A solidão intrapsíquica de Deus*

Deus é envolvido pela solidão intrapsíquica? Ela o impulsiona a ser um viajante nas trajetórias do próprio ser? Devemos nos lembrar que essa solidão, longe de ser negativa, é uma dádiva que alimenta a interiorização, a reflexão, a meditação. Se Deus é um ser consciente da sua identidade, da sua individualidade e da sua personalidade, Ele provavelmente experimenta a solidão intrapsíquica nos mais diversos níveis.

Mas como Deus superou essa eterna solidão? Como a superou pelos séculos dos séculos antes de ter as primeiras fagulhas de sua criatividade? Sinto calafrios em pensar na imortalidade de Deus e na possibilidade de Ele ter vivido um tédio inextinguível.

A única explicação filosófica e psicológica que vem à minha mente é que duas grandes causas impediram que a imortalidade de Deus-Pai, eloqüentemente proclamada no Sermão da Montanha, comprometesse a sua saúde psíquica e seu encanto pela existência.

Essas causas tecem o segundo segredo subjacente na oração do *Pai-Nosso*. *Primeiro, a emoção desse Pai só não explodiu de tensão porque deve constituir uma fonte inesgotável de prazer. Segundo, ao contrário dos humanos que usam mal seu tempo, Deus usou seu intelecto na eternidade passada para realizar um eterno encontro consigo mesmo, para gerar inumeráveis e intermináveis auto-diálogos.*

Sem essas duas causas, Deus não teria fôlego para, depois de incontáveis milhões de anos, se colocar como um Pai, e muito menos para ter paciência com a humanidade e falar-lhe de amor. Vejamos de que maneira.

Jesus certa vez deixou assombrada uma mulher da Samaria, ao apontar a emoção de Deus como fonte borbulhante de satisfação (*João 4:14*). Ela estava diante de um poço sob o sol do meio-dia. Sedento, ele gentilmente lhe pediu água.

Sabendo que Jesus era judeu, e que os judeus raramente conversavam com os samaritanos, a mulher questionou sua aproximação e sua humildade. Surpreendendo-a, ele disse que, se ela soubesse quem ele era, lhe pediria água, e ele lhe daria uma água viva que jorraria por toda a eternidade, satisfazendo-a plenamente.

O rápido diálogo de Jesus chocou a inteligência da samaritana. Ela ficou extasiada e confusa diante desse homem enigmático. Ele tinha sede biológica, e ela tinha sede

psicológica. Ele pediu-lhe água, ela pediu-lhe prazer: "Dá-me de beber dessa água!"

Os diálogos de Jesus sempre foram sintéticos, mas com amplos significados. Ele teve a ousadia de falar de uma fonte de prazer que permearia todos os becos da personalidade daquela mulher e seria capaz não apenas de saciá-la no presente, mas de esmagar o tédio e romper as amarras secretas de sua solidão por toda a eternidade.

Como não ficar perplexo com a proposta de Jesus? Que homem é esse que fala de um prazer jamais sonhado pela psiquiatria e pela psicologia? Trabalhamos arduamente para desenvolver técnicas psicoterapêuticas e medicamentos antidepressivos e ansiolíticos para tirar o ser humano do cárcere da depressão e da ansiedade, mas não sabemos como fazê-lo encontrar a plenitude da alegria.

Tratamos da travessia do deserto, mas não sabemos como levar os pacientes a produzirem o oásis. Esse é o grande paradoxo da psiquiatria e da psicologia. É por isso que excelentes profissionais dessas áreas muitas vezes são mal-humorados, não exalam alegria e satisfação.

Nós morremos um pouco todos os dias. O futuro não nos pertence, mas é incrível como Jesus desenhou um futuro inextinguível. A proposta de uma vida eternamente aprazível e encantadora feita à samaritana tinha como espelho o passado do Autor da existência, que Jesus chama de Pai. Demonstra como Deus sobreviveu emocionalmente nos tempos incontáveis que antecederam o presente.

No meu entendimento, Jesus estava falando indiretamente das causas que fizeram o Deus atemporal ter uma emoção saudável, sem os infundáveis traumas gerados pela solidão intrapsíquica. Isso tornou-se possível porque sua emoção era

uma fonte de júbilo e porque construiu no teatro da sua mente, em cada "quantum de tempo", uma infinidade de encontros e reencontros consigo mesmo. O Deus auto-existente, cujos dias não têm princípio, transformou a eternidade passada numa primavera contínua de prazer, e não num inverno regado a sofrimento.

Um texto nos salmos comenta que os pensamentos de Deus são incontáveis (*Salmos 139:17-18*). A palavra pensamento no hebraico é *hegheh* e tem uma conotação especial, significa meditação ou elocução. Envolve, portanto, distração, reflexão, sonhos, projetos, inspiração.

O prazer e os auto-diálogos de Deus foram suficientes para levá-Lo provavelmente a fazer da solidão intrapsíquica um oásis no passado incomensurável. Mas não foram suficientes para resolver sua solidão social. Por isso, Jesus proclama a oração do *Pai-Nosso*. Deus depende do amor dos filhos, e não apenas de si mesmo. Ele depende do relacionamento com os outros, e não apenas com Ele mesmo.

### *Um tédio insuportável*

Se com a nossa estrutura psíquica tivéssemos experimentado a solidão de Deus, teríamos destruído nossa saúde mental nos primeiros "quantuns de tempo". Como na eternidade o tempo inexiste, chamo de "quantum de tempo" uma unidade teoricamente mensurável.

Ser atemporal e onipotente nos levaria a um tédio insuportável e, talvez, a inúmeras idéias de suicídio. Não precisaríamos de milhões de anos para nos entediar, bastariam séculos.

Mas o Deus apresentado por Jesus, embora solitário, não tem sombra de ter vivido um passado angustiante, mal-humorado, apreensivo, tenso. Ao contrário, seu passado, ao que tudo indica, foi sereno, pacífico, afetivo.

Quando Jesus pisou nesta Terra, revelou que Deus não era ir-ritadiço e ansioso, mas

tranquilo, compreensivo, altruísta, compassivo. O próprio Jesus expressou concretamente essas características ao acolher Judas na traição e Pedro na negação (*Lucas 22:48*).

O Mestre dos Mestres demonstrou também que Deus alivia o cansado, ama o discriminado e se preocupa com os sentimentos ocultos dos rejeitados. Expressou que Deus não faz distinção de pessoas, não discrimina ou exclui, ao contrário, leva em altíssima conta cada ser humano, independentemente de seu status e de sua moral, como está apontado na coragem de Jesus ao correr risco de morrer apedrejado por proteger prostitutas (*João 8:3*).

A parábola do filho pródigo revela um Pai que valoriza mais a pessoa que erra do que os erros que ela comete. Um Pai capaz de beijar o filho que o decepciona, abraçar quem espera uma repreensão, dar uma festa para quem merece punição. Um Pai que compreende os que não o compreendem e não abandona quem Dele desiste.

Esse Pai imortal que deveria ter sido asfixiado pelo tédio parece ter vivido uma espantosa tranquilidade em toda a sua história existencial. O teatro da sua mente tornou-se uma fantástica usina de pensamentos e emoções fascinantes que produziram um auto-companheirismo, uma auto-amizade, uma história contínua de reunião com o seu próprio ser. Deus viveu na plenitude.

Quem não é compassivo, tolerante e afetivo consigo mesmo não será assim com os outros. Na Tora e no Antigo Testamento, especificamente no livro do Êxodo, Deus faz uma recomendação direta e surpreendente: "Amai o próximo como a ti mesmo." Jesus repete enfaticamente essas palavras diversas vezes (*João 15:12*).

Essa frase mundialmente conhecida foi recitada e estudada teologicamente, mas não sob o foco da psicologia, e por isso permanece incompreendida. Ao recomendar que amemos o próximo como a nós mesmos, Deus está falando sobre sua própria experiência de vida, sobre sua forma de relacionar-se consigo e com os outros.

Deus tem um romance saudável com o próprio ser, uma auto-estima elevadíssima. Ama a si mesmo e por isso pode amar seu próximo. Como é onipresente, abraça toda a humanidade.

Quem não tiver um caso de amor consigo mesmo jamais amará as pessoas com quem se relaciona. Como muitos religiosos não amam a si mesmos, nem amam a própria vida, por mais que se esforcem não são amorosos com os outros, mesmo com seus íntimos.

Quem não é apaixonado pela existência não terá amor pela humanidade, viverá apenas para cultivar as próprias vaidades. Quem é mal resolvido, autopunitivo e especialista em reclamar não tolerará as falhas dos outros e não os amará apesar dos seus erros.

O amor dessas pessoas será superficial e condicional. Exalarão irritabilidade, e não solidariedade, expressarão impaciência, e não tolerância. Serão agressivas com elas mesmas e com seus próximos, sejam eles esposa, marido, filhos, alunos, colegas de trabalho ou pares religiosos.

### *A solidão social de Deus*

Deus não apenas possui a solidão intrapsíquica, mas também a solidão social. Agora chegamos ao tempo do Sermão da Montanha. Por que esse Deus dá tanta importância à oração? Por que não usa um método mais rápido e eficiente para se comunicar com os humanos? Por que não prefere uma forma automática de contato e transmissão de dados, como a realizada pelos computadores?

Nada parece tão arcaico quanto orar, seja com palavras, gestos ou pensamentos, mas nada é tão insubstituível quanto a oração que, seja ela qual for, representa uma forma de diálogo entre o ser humano e Deus.

As coisas mais importantes da vida não se resolvem rapidamente. Um pai pode saber

de todos os conflitos e necessidades dos filhos, mas ainda assim precisa que o filho se abra, se comunique, revele seus sentimentos. Não basta saber, é preciso cruzar os mundos.

Devido à solidão social indecifrável, Deus, ao que parece, tem uma necessidade capital de encontros com outros seres, não bastando os encontros com Ele mesmo. Por que esse desejo ardente de se relacionar com a humanidade apesar das falhas, injustiças e loucuras humanas? Se Ele é o diretor do roteiro da vida, e não fruto da nossa imaginação, por que suporta as sociedades tão conflituosas e não cria outra espécie menos problemática?

Na época em que eu me indagava sobre isso, imaginava que Deus era uma utopia da mente e que, se existisse, certamente nos descartaria. Mas a arte de pensar mudou minhas rotas. O grande motivo dessa mudança foi perceber que a psique humana possui o mesmo nível de complexidade da mente do próprio Deus, embora o ser humano não tenha a sua qualidade divina, seu poder e muitos dos seus atributos.

Se Deus desistir da humanidade, será obrigado a conviver com sua solidão social. Poderá ter milhões de outras espécies, inclusive de serviçais, mas deixará de ser o Pai Nosso. O Gênesis, o livro que a ciência pouquíssimo estudou, diz que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus. Isso é uma fábula da Bíblia? Não parece ser. Defendo eloqüentemente o argumento de que, do ponto de vista psicológico, as peças aqui descritas se encaixam.

O ser humano diverte, anima, encanta, emociona e inspira Deus, bem como o frustra e o decepciona. Dois mil anos de história se passaram desde que Jesus esteve aqui, mas, para quem viveu uma eterna solidão, foram apenas segundos.

Apesar de sua dimensão, Deus é capaz de ouvir uma simples oração, de prestar atenção num sussurro de dor. Tem perspicácia para compreender o que as palavras jamais disseram. Para Ele, um miserável vale tanto quanto um rei. Uma pessoa solapada pelos próprios erros tem o mesmo peso do mais puritano dos religiosos. Um iletrado alça vôo na sua inteligência da mesma forma que um intelectual.

Deus pode ter criado inúmeras outras criaturas em outras dimensões, como aponta Paulo (*Colossenses 1:16*), o apóstolo tardio, mas no *Pai-Nosso* Ele faz tudo para nos alcançar, conquistar, envolver. Discordo do antropocentrismo, que coloca o ser humano como centro de tudo, pois não honramos a arte de pensar, somos egocêntricos e temos pouco empenho em preservar a vida e o meio ambiente. No entanto, é impossível não concluir que a humanidade mexe com as entranhas do Deus propalado por Jesus Cristo.

Não é uma religião que está em jogo, nem um conjunto de dogmas de adoração, mas uma necessidade psíquica de Deus. Muitos leitores talvez não consigam vislumbrar plenamente essa questão. Deixe-me dar um exemplo. Imagine que só exista uma pessoa neste exato momento vivendo na Terra. Quando ela anda, só se ouvem seus passos. Quando desperta, não há ninguém à sua volta. Vamos nos colocar no lugar dessa pessoa.

Ela é a mais rica e poderosa. Possui inúmeros bens e tem o mundo aos seus pés. Entretanto, quando caminha, só seu coração pulsa. Quando acorda, só ela desperta. Não terá atritos nem frustrações sociais.

Ninguém a perturbará. Não sofrerá críticas nem rejeições. Aparentemente essa pessoa vive na mais excelente atmosfera de paz! Mas quem deseja essa paz? Quem deseja todo esse poder? O mais miserável dos seres humanos não suportaria tal solidão. Por mais bem resolvido e feliz que seja o Autor da existência, Ele quer varrer do dicionário da sua existência a solidão social.

Podemos conviver com milhares de animais sem jamais termos problemas de relacionamento. Mas, por melhor que seja a relação com um ser humano, sempre haverá frustrações importantes. Apesar disso, não conseguimos deixar de viver em sociedade. Não

somos seres sociais pelo instinto que promove a sobrevivência biológica, como acontece com os outros animais, mas por sobrevivência psíquica.

Certa vez, uma dentista me disse entristecida que se sente só no meio da multidão. É bem-sucedida, mas vive seqüestrada dentro de si mesma. Seu marido, seus filhos e amigos não a conhecem, não a descobrem. O sorriso estampado em seu rosto serve para disfarçar o sentimento de solidão. Um pobre com amigos é muito mais rico do que um rico solitário.

Ninguém suporta ser esmagado pelo isolamento. Mesmo os anacoretas, os ermitãos e os monges que se enclausuram para fins místicos, que não têm nenhum contato social, não deixam de se relacionar. A solidão os estimula a construir milhares de personagens no palco de suas mentes, bem como inúmeras fantasias com as quais edificam complexos relacionamentos.

Até os pacientes psicóticos tentam superar sua solidão através dos personagens bizarros que criam no palco de suas alucinações. A solidão não superada deprime a emoção, asfixia a inteligência, dissipa o sentido existencial.

O Todo-Poderoso mostrou sua fragilidade na oração do *Pai-Nosso*. Revelou seu lado maravilhosamente dependente, sua face carente. Seu poder é capaz de resolver milhões de problemas no universo, mas não pode fabricar filhos, não pode solucionar a sua solidão social.

Se o que estou escrevendo não é um delírio filosófico e psicológico, esse fato mudou a história.

## Capítulo 5

### *Deus não é autista*

Eu tenho profunda preocupação e afeto pelas crianças e adultos autistas. Os autistas se isolam em seu mundo em diversos níveis. Alguns fazem movimentos corporais repetitivos devido à ansiedade exacerbada. Quanto menor for a fonte dos estímulos intrapsíquicos construídos em sua mente - como imagens, pensamentos e fantasias - e dos estímulos sociais, mais intensa é a ansiedade neles.

Pessoas autistas têm dificuldade de demonstrar sentimentos, necessidades, trocas, limites. Não pensam nas conseqüências dos seus comportamentos. Não conseguem colocar-se no lugar do outro e perceber suas dores e necessidades psíquicas.

Como elaboram pouco suas experiências psíquicas - como medo, dor, apoio, perdas - deixam de registrar na memória matrizes necessárias para promover o processo de construção da personalidade. Por isso, repetem os mesmos erros com freqüência.

Já tratei de várias crianças autistas. Por motivos biológicos ou psicológicos, ocorre nelas um bloqueio da memória, contraindo a construção de cadeias de pensamentos, imagens mentais e fantasias.

Quando a matriz do córtex cerebral está preservada e consegue-se desbloquear a memória através de técnicas de estimulação, começa a ocorrer um registro espontâneo e inconsciente arquivando as experiências existenciais. Assim, tece-se pouco a pouco a colcha de retalhos da personalidade, expandindo a solidão intrapsíquica e a social.

Quando a solidão intrapsíquica e a social se expandem, surge espontaneamente a necessidade de construir relacionamentos com os que as cercam e obter retornos, como elogios, sorrisos, afetos. Surge também a necessidade de construir novos pensamentos e imagens mentais. A criança começa a brincar, a se distrair, a fantasiar, diminuindo assim os níveis de ansiedade. O resultado é impressionante. Parece um botão de flor asfíxiado que desabrocha na primavera.

Quanto mais uma criança autista se torna sensível, afetiva, e quanto maior sua consciência social, mais depende dos outros, mais procura relacionamentos. Quanto mais ensimesmada, mais se isola, seja por dificuldade de interagir, por timidez, medo de se expor ou de correr riscos.

Após essa rápida abordagem sobre o autismo, descubro o terceiro segredo da oração do *Pai-Nosso*: *Deus não é autista*. Por quê? Porque foi vítima da solidão intrapsíquica e da social, porque teve inumeráveis encontros com seu próprio ser e porque procura ansiosamente construir relações sociais. Se não tivesse forjado em sua personalidade os vários tipos de solidão, Deus poderia ser o maior de todos os autistas. Não precisaria de ninguém. Não almejaria ser um pai, não amaria.

A eternidade seria para ele um presídio, e a imortalidade, um calabouço. Deus se bastaria pelos séculos dos séculos. Deixaria de ser um criador exuberante. O teatro da sua mente estaria desprovido de idéias e de criatividade. Não haveria inúmeras galáxias, talvez nenhum planeta, um átomo ou um ser vivo além Dele. Deus continuaria só pelos séculos dos séculos, sem ter consciência da solidão. O tudo e o nada seriam a mesma coisa.

#### *A ansiedade vital*

No Sermão da Montanha, logo após pronunciar a oração do *Pai-Nosso*, Jesus

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "evangélico - augusto cury - os segredo..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).